



partiduras
*moacyr
peres*

residência

Ao espaço sem contexto da galeria tradicional, preparado para receber artistas que constroem universos herméticos, contrapõe-se a ideia de uma residência, menos ligada ao intercâmbio para artistas, que ao doméstico, à casa e ao lar.

Toda exposição na Mouraria 53 pressupõe, portanto, uma dupla-exposição: a casa e a obra, o artista e os habitantes. A ficha-técnica ganha condição de catálogo. Nos interessam habitações, trocas, contaminações. Toda exposição propõe um diálogo.



moacyr

O primeiro diálogo, que se inicia entre a casa e a pintura de Moacyr Peres Gramacho, tem como ponto comum a memória. Moacyr pinta com o tempo: suas obras, feitas em capas de plástico, guardadas, e posteriormente transferidas para os suportes, são compostas por um intervalo—entre execução e transferência podem se passar vinte anos. Ver sua obra “recente” é sempre enfrentar o Moacyr do passado, fora de contexto, mas que ecoa com a intensidade de algo que foi abandonado (em nós e no artista, que reencontra os “filhos esquecidos”).

O atelier, trabalhado como um arquivo, é simultaneamente espaço e memória; um “segundo cérebro” onde, assim como no primeiro, lembranças se contaminam criando ficções. Pinturas atingem suportes de diferentes procedências—madeiras de seu antigo atelier na Saúde, portas dos antigos armários, materiais encontrados em expedições cenográficas—construindo texturas conjuntas e novas histórias.

Em “Partiduras”, os processos de contaminação deixam a escala do objeto para atingir o casarão. O 53, uma casa composta de fragmentos de toda a cidade, ressoa com a produção de Moacyr. A obra passa a ser fragmento da casa, e a casa fragmento da exposição.



partiduras

A “Partidura” é um objeto-texto, linhas traçadas, editadas e redesenhadas, transferidas para um suporte não-neutro: braúnas provenientes da antiga “Fazenda Brasileira” no interior de Minas Gerais. Madeiras de mais de duzentos anos, resgatadas durante o processo de construção de uma vila cenográfica para o filme “Órfãs da Rainha”, de Elza Cataldo. Existem então capas de tempos: o natural (da madeira enquanto árvore), o antropológico (da madeira enquanto fazenda), o das pinturas, o da transferência e o da exposição, além dos tempos da casa.

Em conjunto, as partiduras definem uma nova paisagem—artificial, mas magnetizada pela memória-braúna. A raspagem do piso da galeria define a cor, que preenche os vazios monocromáticos das linhas de Moacyr. As linhas de sustento das obras indicam novos caminhos no espaço conhecido pelos habitantes da casa.

Em “Cercais”, Moacyr traça os primeiros reconhecimentos desse território, parte real, parte ficção. Pinturas que, no contato com diversas memórias, são contagiadas por uma “figuração” do próprio tempo. O intervalo como método para esquecer a origem dos traços, que definiu sua obra anterior, é desafiado. O reconhecimento da memória inegável dos objetos, da cor e das linhas, indica um norte para sua produção—abraçar lembranças, jogar com o tempo, construir ruídos.

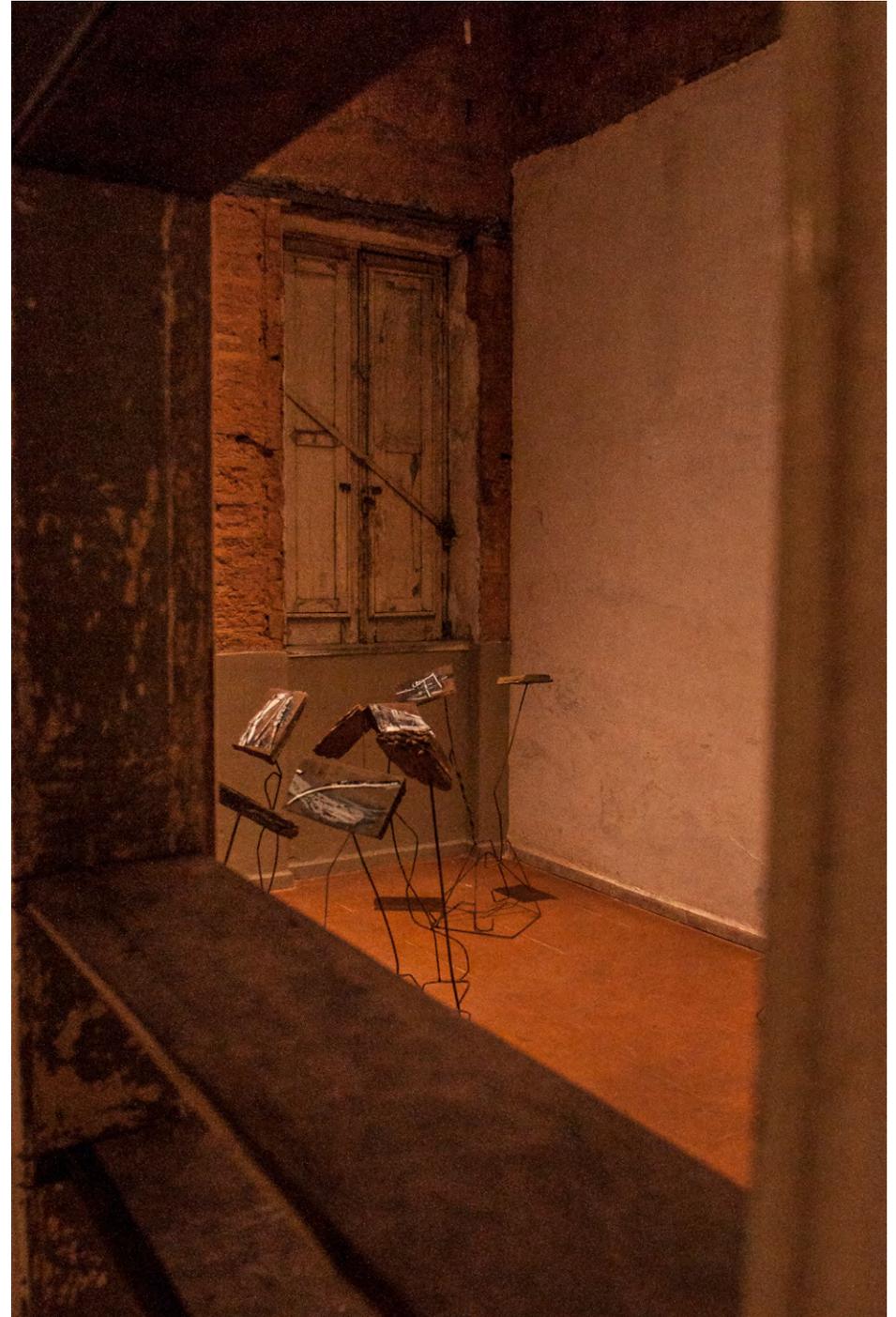




partiduras

instalação.

braúnas, acrílica, giz de cera, aço.









cercais

transferência acrílico sobre tela







organização

Mouraria 53
Moacyr Peres Gramacho

curadoria

Pedro Alban

expografia

RMOTA Cenografia

cenotécnicos

Paulo Florêncio Alves
Agnaldo Queiroz

assistente de Cenotecnia

Nado

serralheria

Antônio Carlos Arouca (Tozinho)

imagens

Alan dos Anjos, Fernando Gomes, Maurício Serra, Rodrigo Sena.

galeria 53

Alan dos Anjos, Dário Sales, Fernando Gomes, Filipe Duarte, Leonardo Veiga, Iago Lobo, Milena Abreu, Rodrigo Sena, Ruben Rodrigues, Simone Souza, Sergipe.

iluminação

JB Designer de Luz

agradecimentos

Luiz Fernando Santiago (o Nando), Elza Cataldo, Naia Alban, Rose Lima, Renata Mota, Erik Saboya, Ricardo Cavalcanti, João Batista, Paulo Florêncio, Paula Berbert, Maurício Serra, Antônio Carlos Arouca (Tozinho), Chico Mutti, Mona Alban, Jandira Gramacho, Net, Jamile, Ninha, Pedro Alban e o 53.